



Prof. Doutor João Carlos Roque, docente da licenciatura de prótese dentária.

Passados 35 anos do início do ensino académico da prótese dentária no nosso país, tendo passado inicialmente pela fase de formação profissional e evoluído para o ensino superior, primeiro como bacharelato e atualmente como licenciatura, é tempo de fazer uma apreciação do que representou para a medicina dentária que se pratica no nosso país e do que ela pode e deve representar no futuro.

O mecânico dentário, como inicialmente fomos apelidados, emergiu na história da medicina dentária a partir do artesanato, que com a sua perícia e destreza na manipulação de materiais, construía artefactos para auxiliar na reabilitação oral dos pacientes. Esta capacidade de dominar os materiais e de os transformar em formas dentárias ou de os adaptar à cavidade oral, através de mecanismos mais ou menos engenhosos, sempre dependeu bastante da capacidade criativa e artística destes profissionais que, ao sabor da experimentação e conhecimento de outras áreas, foram criando processos mais sistematizados para o fabrico das próteses dentárias. Os mais talentosos começaram desde cedo a ser convidados para, nas escolas onde se praticava a arte da medicina dentária, fazerem demonstrações e passaram o seu conhecimento aos médicos dentistas. Se assim foi no início da odontologia, à medida que a medicina dentária foi evoluindo enquanto ciência, foi-se criando um distanciamento entre os profissionais das duas áreas, fruto da sua formação profissional e da sua condição social. A linguagem técnico/científica foi acentuando essa clivagem, evidente na comunicação entre as classes profissionais, que perdurou durante algum tempo.

O nascimento nos anos 80, do século já passado, do centro de formação profissional da Escola Superior de Medicina Dentária de Lisboa, rompeu com esse paradigma, ao dar in-

DO PASSADO AO FUTURO DA PRÓTESE DENTÁRIA

cio ao conceito de equipa de saúde oral, juntando as várias profissões que desempenham um papel de grande relevância para a saúde oral da população. A visão do seu principal impulsionador, o saudoso Prof. Simões dos Santos, foi bastante alimentada por um grupo de protésicos dentários com quem se deslocou inúmeras vezes ao estrangeiro na procura de mais e melhor para a área dentária, segundo me confessou há alguns anos atrás numa entrevista que lhe fiz. O surgimento dos apelidados técnicos laboratoriais de prótese dentária, formados academicamente, que foram capazes de vencer a desconfiança inicial dos protésicos sobre as suas reais capacidades e que promoveram, poucos anos depois, formação complementar para a geração anterior, criou uma nova mentalidade nos profissionais e uma nova identidade para a profissão. Isso levou, já nos anos 90 à criação da Associação Portuguesa de Técnicos de Prótese Dentária (APTPD), da qual me orgulho de ser um dos fundadores e ex-Presidente.

A consolidação do modelo de formação académico, implementado nos vários cursos existentes no país, em instituições públicas e privadas, e a exigência de uma formação de ensino superior para aceder à profissão, trouxeram uma realidade diferente para os novos profissionais, centrada nas competências práticas mas também no conhecimento científico e na capacidade de adaptação a novas realidades e saídas profissionais. Este período foi muito influenciado pelo processo de Bolonha, que criou duas visões distintas no modelo educativo, uma universitária e outra politécnica, que devem ser distinguidas. A politécnica mais centrada na prática, a universitária mais científica, e que começa a dar os primeiros passos na investigação e criação de novo conhecimento, sem abandonar a prática das competências básicas que assegurem um exercício profissional adaptado às novas exigências da profissão.

Este pode ser um avanço decisivo para esta área de conhecimento, que ao longo de muitas décadas deixou o avanço das suas técnicas e tecnologias nas mãos dos médicos dentistas e dos engenheiros, que por exigência das suas carreiras académicas têm por inerência essas atividades. O facto de os técnicos de prótese dentária terem também hoje à sua disposição cursos de Doutoramento na sua área de estudo e de o poderem fazer investigação numa interligação estreita com os médicos dentistas, abre o horizonte nos campos de investigação, trazendo uma visão mútua aos temas, que em muito pode contribuir para a criação de mais e melhor conhecimento científico. Isto não é alheio ao facto de em Portugal a formação dos técnicos de prótese dentária ser feita em paralelo com a dos médicos dentistas, partilhando algumas áreas curriculares e também o mesmo espaço académico, permitindo uma crescente aproximação e construção de uma ligação forte entre os profissionais, que se vai alargando às sociedades científicas nacionais e internacionais, até à criação de pro-

jectos conjuntos de entidades dedicadas à formação técnico/científica não académica.

O avanço das tecnologias digitais, nomeadamente com a implementação de fluxos digitais que articulam os procedimentos clínicos com os laboratoriais, é um terreno fértil para o alargamento desta base partilhada de conhecimentos que será mais forte e trará melhores resultados, quanto melhor for delimitada a área de atuação das duas áreas profissionais. O digital não pode e não deve ser mais uma ferramenta de trabalho que permita o imiscuir de competências que não são próprias e a usurpação de funções que estão atribuídas aos profissionais, por via da sua formação académica de base e do reconhecimento pelas autoridades de supervisão profissional.

Neste capítulo, importa também que as empresas que apoiam e se apoiam nas nossas profissões, compreendam que a sua atividade deve ser enquadrada por princípios de ética, que nem sempre observamos durante a realização de cursos de formação, permitindo que pessoas não habilitadas ao exercício profissional adquiram competências que não podem, nem devem desempenhar.

O exercício não qualificado é tão condenável na medicina dentária, como o é também na prótese dentária, e isso deve merecer a atenção de todos os que pugnam por uma saúde oral de melhor qualidade. Às empresas agradeço e lanço um desafio. Que se apoiem mais nas instituições de ensino acreditadas no nosso país, bem como nas sociedades científicas e profissionais, que são muitas, para a realização de ações de divulgação e formação dos seus produtos. O contributo para que os jovens profissionais saiam mais conhecedores e melhor preparados para as profissões será tanto mais profícuo quanto mais cedo ele for feito e melhor enquadrado por conhecimento técnico/científico. Numa fase em que as instituições de ensino não conseguem financeiramente acompanhar o desenvolvimento tecnológico, por limitações orçamentais e por via do galopante aparecimento de novas tecnologias digitais, o investimento, por parte da indústria, de uma ínfima parte do seu gasto em publicidade, em equipamentos e materiais para o ensino pré-graduado universitário, dar-lhes-á certamente um retorno a médio/longo prazo muito significativo e pode ser decisivo para uma medicina dentária, a nível global, de melhor qualidade.

É nesse espírito de sã camaradagem, de partilha permanente de conhecimento interdisciplinar e de dar a conhecer o que esta profissão e os seus profissionais têm evoluído, o que a todos beneficia e engrandece, que irá decorrer em Maio próximo o Congresso APTPD 2020. Enquanto presidente da comissão organizadora do evento, aproveito desde já para vos convidar a estarem presentes e nos acompanharem neste caminho inclusivo, de contar com todos para fazer e ser melhor. ■